

2008 - África deve olhar para a Geórgia e tirar algumas lições

África deve olhar para a Geórgia e tirar algumas lições

por: Eugénio Costa Almeida©

Quando se vai para férias o que mais se deseja é que o Mundo pare e nos deixe descansar sem nos preocuparmos com o que possa acontecer neste grande Condomínio que é o nosso Planeta e há muito a desvirtuamos e desleixamos com as consequências que se vão, infelizmente cada vez mais, avistando sem que alguns dos nossos caros vizinhos se preocupem com o bem-estar dos outros. Primeiro, nós, depois, nós, a seguir sempre nós e quando já nada houver que vá para os outros, tem sido o lema abusivo e egoísta de nós todos. Mas, infelizmente, se vamos de férias outros há que não se preocupam com isso e só nos arranjam temas e problemas para comentar. Ninguém deixa descansar ninguém! Por isso não surpreendeu a crise da Geórgia, um pequeno país do Cáucaso que só existe por ter sido nado-pátria dum ditador sanguinário chamado Joseph Staline, o principal criador e aglutinador da extinta (será?) União Soviética (URSS). Desde a implosão da URSS e subsequente independência dos Estados que a formavam que a Federação Russa (Rússia) nunca viu com bons olhos, qual mãe-galinha ultra conservadora e protectora, a livre vontade desses países.

Para a Rússia a maioria dos Estados emergentes da URSS eram não só parte integrante da sua zona de influência como, nalguns casos, pertenciam mesmo à mãe-Rússia, pelo que desde o princípio tentou influenciar a vida política e económica da maioria deles. Estes só sentiram que poderiam sair da órbita russa se se aliassem ao Ocidente, mais concretamente aos EUA e à NATO e, ou, à União Europeia (UE).

Alguns já o conseguiram. Outros vão a caminho de o conseguir. Mas outros há que esperam a sua vez de entrarem numa das Organizações, particularmente na NATO, de onde acreditam vir o apoio e salvaguarda necessários e prontos para a sua integridade territorial e política. Só que se esqueceram, ou pensaram que os outros não são eles, de olhar para um caso que a Rússia iria sempre aproveitar para fazer doutrina. Mais concretamente juntar uma nova doutrina à sua velhinha doutrina de soberania limitada (DSL) que lhe permitiu abafar e acabar com as "contra-revoluções" húngara, de 1956, e de Praga, de 1968. E essa doutrina passou pela atitude leviana do Ocidente de aceitar a secessão do Kosovo da Sérvia por, segundo os EUA e aliados mais próximos, ser essa a vontade dos kosovares.

Pois foi esta impensada "doutrina" que levou os russos a apoiarem a crise georgiana criada pela tentativa de secessão dos ossetinos do sul e dos abkazes, predominantemente russófilos. Segundo a Rússia, se a vontade kosovar foi suficiente para lhes reconhecer a sua independência, também essa vontade deve ser tomada em linha de conta com a Ossétia do Sul e com a Abkázia, facto contrariado pelo Ocidente, particularmente pelos EUA e pelos principais Estados da UE.

Por isso, não surpreendeu que a Rússia, à primeira oportunidade e justificando-se com o facto dos militares georgianos, segundo ela, terem morto civis e militares russos – estes estariam naquelas duas regiões em missão de Paz – se decidisse invadir a Geórgia via as duas regiões alertando que só seguiam a "doutrina" ocidental criada em Kosovo.

Mas os russos não se ficaram por esta doutrina. Com uma clareza que não deixou dúvidas a ninguém e muito menos ao Ocidente que preferiu, e prefere, se ficar pelas palavras e pelas reuniões da OSCE e do Conselho de Segurança sem qualquer vislumbre de alguma ameaça, mesmo que verbal, à Rússia esta, conforme se ouviu pelas declarações do presidente Medvedev e pelo mutismo ensurdecador de Putin, o verdadeiro senhor da Rússia, ressuscitar a DSL ao afirmar que a Rússia intervirá em qualquer parte do Mundo onde um russo se sinta atacado ou desprotegido. Tal como os EUA, diga-se...E, aqui, entra o aviso da Geórgia à África.

É que os georgianos já têm um estatuto muito próximo da NATO e esta nada fez por intervir ou ajudar os georgianos. Limita-se a conversações estereis de que os russos continuam a fazer tábua-rasa e a manterem os seus militares a poucos quilómetros da capital georgiana num cerco claro e objectivo. Fazer claudicar a Geórgia, retomar o seu controlo político e territorial e, após ela, todos os outros Estados da antiga URSS, independentemente da sua linha política ou religiosa como já se constatou com a crise georgiana onde também operam com os russos alguns mercenários islamitas chechenos que desejam a independência da Rússia e contra quem parecem combater.

A Rússia, e por extensão a crise da Geórgia, está a mostrar a África, que se esta quiser seguir com a sua via democrática e ocidentalizada, terá de contar com o seu renascimento político, económico, militar e … estratégico. E África foi sempre um ponto estratégico a dominar, o grande novo Rimland – bebido da teoria de Nicholas Spykman – e restaurar a também velhinha Doutrina da Contenção.

Não esquecer que em África, particularmente, além dos EUA, a Rússia tem de se haver com uma nova e cada vez mais forte potência global, a China; um país que, por acaso, é um dos maiores e mais preocupantes vizinhos dos russos com a particularidade dos chineses conhecerem bem o pensamento czarista de onde beberam alguns dos seus mandamentos.

É o domínio do Heartland, de Halford Mackinder, que começa a estar, de novo, em jogo. E em África ainda há – e ainda persistem alguns no poder – individualidades muito próximas de Moscovo que serão as primeiras a se porem na linha da frente para ajudarem a reimplantação russa no continente, sabendo que o Ocidente, particularmente a Europa, nada fará para rectificar essa possibilidade muito credível como se constata já com a paulatina e eficaz "invasão" chinesa no Continente. O Sudão e o Darfur que o digam … 19/Ago/2008©Publicado no semanário santomense Correio da Semana, ed. de 7-Setembro-2008,

(<http://www.correiodasemana.info/spip.php?rubrique10>) ou (<http://www.correiodasemana.info/spip.php?article449>)